

VIDA&

CLIMA EM DEBATE ▻ Resultado

Fraude no Enem derruba presidente do Inep
 Reynaldo Fernandes se demitiu e assumiu responsabilidade pelos problemas na prova ▻ PÁG. A25



Conferência do Clima fracassa; texto não tem metas obrigatórias

Documento trata de financiamento e compromisso para impedir alta da temperatura, mas não diz como atingirá

Andrei Netto
 Afra Balazina
 Lisandra Paraguassú
 ENVIADOS ESPECIAIS
 COPENHAGUE

Maiores reunião diplomática da história, a 15ª Conferência do Clima (COP-15) terminou ontem à noite com um acordo pífio, que não prevê metas obrigatórias de redução de emissões de CO₂ até 2020 e ainda ameaça a existência do Protocolo de Kyoto. O texto oficial estava sendo negociado até o fechamento desta edição. O documento traz apenas um mecanismo de financiamento para ações de combate ao aquecimento global e um compromisso de impedir a elevação da temperatura em 2 °C, sem dizer como isso será cumprido.

Depois de duas semanas de negociações e muita expectativa, a cúpula das Nações Unidas pode ser considerada um fracasso. O documento prevê redução de 50% das emissões de CO₂ em 2050 – o objetivo mínimo cogitado –, não fixa meta para 2020, não detalha os mecanismos financeiros, não prevê acordo sobre a verificação das ações ambientais em países em desenvolvimento e não tem força de lei. Além disso, não se podia garantir, até o fechamento da edição, a continuidade do Protocolo de Kyoto, e menos ainda o texto que deveria resultar em um futuro tratado, que incluiria os EUA. “O objetivo de redução de 50% para 2050 é uma decepção”, limitou-se a criticar o presidente da França, Nicolas Sarkozy, afirmando que assinaria o documento em nome de seu país.

À 0h20 de hoje (horário de Brasília), Tuvalu foi o primeiro a se manifestar contra o texto na plenária final. O representante disse que, apesar de ser uma nação pequena, merece respeito. O acordo político havia sido fechado depois de 23 horas de negociações, mas envolveu apenas os líderes dos Estados Unidos, União Europeia, China, In-



STEFFEN KUGLER/APP

ESFORÇO FINAL – A partir da esq.: José Manuel Barroso, Angela Merkel, Fredrik Reinfeldt, Nicolas Sarkozy, Barack Obama e Gordon Brown

Líderes evitaram a imprensa

Os principais líderes políticos deixaram Copenhague evitando o contato com os mais de 3 mil jornalistas que cobriam o evento. Além disso, não posaram para a tradicional foto que deveria registrar o fim da maior conferência diplomática da história.

Um a um, quase todos os 193 chefes de Estado e de governo deixaram o Bella Center sem falar à imprensa credenciada. Um dos primeiros foi o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Levou consigo a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, e o diretor do Departamento de Meio Am-

biente do Itamaraty, Luiz Alberto Figueiredo. Coube a Carlos Minc (Meio Ambiente) comandar a delegação que ainda negociava.

Membros da delegação brasileira reconheceram ao Estado a insatisfação de Lula com as negociações. Barack Obama, presidente dos EUA, falou apenas a jornalistas norte-americanos. Gordon Brown, primeiro-ministro do Reino Unido, e Angela Merkel, chanceler da Alemanha, não falaram ao público. Fredrik Reinfeldt, atual presidente rotativo da União Europeia, só falou por volta das 2 horas. ▀ A.B. e A.N.

dia, Brasil e África do Sul. Presentes em massa, 193 chefes de Estado e de governo tentaram em vão um compromisso que equacionaria as disputas técnicas em torno de dois objetivos – prorrogar o Protocolo de Kyoto até 2020, limitando as emissões de CO₂, e incluir os EUA em um tratado internacional.

A contradição é que, até ser “aprovado” na plenária final, o texto nem sequer havia sido apresentado aos demais chefes de Estado e de governo. Seus esboços ainda eram negociados até o início da madrugada e seriam submetidos à sessão plenária da COP-15. Um de seus poucos pontos objetivos foi o financiamento de adaptação a países “mais vulneráveis”, que preve-

rá US\$ 10 bilhões por ano até 2012. A fragilidade da iniciativa, anunciada pela Casa Branca como “acordo climático global”, revoltou militantes ambientalistas de todo o mundo. “Trouxemos os chefes de Estado para cá e eles foram embora sem nada”, desabafou Paulo Adário, um dos coordenadores do Greenpeace Brasil. “O documento é vazio, sem metas e covarde.” Em Copenhague, militantes se organizavam no início da madrugada para protestar contra a decisão dos políticos.

O cenário do fracasso começou a se desenhar na quinta. O consenso se anunciava impossível porque os EUA condicionavam um acordo à criação de um mecanismo internacional de ve-

PROPOSTAS INICIAIS

Veja o que os países haviam colocado sobre a mesa antes do início da conferência de Copenhague:

• **Brasil:**
 Corte voluntário de até 39% para 2020, em comparação a se nada fosse feito

• **União Europeia:**
 Corte de emissão de 20% a 30% até 2020, em relação aos níveis de 1990

• **Estados Unidos:**
 Corte de 17% nas emissões de CO₂ até 2020, em relação a 2005

• **China:**
 Desaceleração nas emissões, corte de 45% relativo a crescimento do PIB

• **Índia:**
 Desaceleração nas emissões – corte de 24% relativo ao crescimento do PIB

• **Países mais pobres:**
 Principais prejudicados e pouco poluidores, eles não tinham ofertas e cobravam ajuda externa

rifcação das ações ambientais em países em desenvolvimento. A China não aceitou. Para desartar o nó, um novo texto-base para um acordo foi proposto pelo governo anfitrião. Três horas depois, na plenária de líderes, Lula começou um pronunciamento contundente, dizendo-se “frustrado”. A sensação de fracasso foi ampliada quando Barack Obama tomou a palavra.

Lula se reuniu com Obama, Wen Jiabao, premiê da China, Sarkozy (França), e Angela Merkel (Alemanha), sem sucesso. O esforço final foi em uma reunião dos grandes emergentes convocada pelos chineses. Sem ser convidado, Obama compareceu. A costura política foi teida sem consenso internacional. ▀

A FESTA ACONTECE AONDE QUER QUE VOCÊ VÁ.
 PROGRAMA PILOTO
 Parece novela, mas é programa.
 Um fim de ano cheio de atrações está na pág. A22.
 A gente se vê por aqui.
www.redegiobo.com.br

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Por que o Protocolo de Kyoto não servia mais para o planeta?

A China, atualmente o maior poluidor, não tem obrigação de corte de emissões por não ser um país desenvolvido. Os EUA, segundo maior poluidor, não ratificaram o pacto. Corte proposto no documento, de 5,2%, é insuficiente para evitar o aquecimento de mais de 2 °C. E vários dos países signatários não devem cumprir a meta

O que acontecerá com o planeta se a temperatura subir mais de 2 °C?

Estudos preveem o derretimento das calotas polares, o que levaria ao aumento do nível do mar, provocaria o desaparecimento de regiões mais baixas e a extinção de espécies, além de enchentes e desertificação de algumas áreas do planeta

O que precisa acontecer para a temperatura não subir acima desse índice?

De acordo com o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), o mundo precisa reduzir em 80% a emissão de CO₂ até 2050, em relação aos níveis de 1990

Quais foram as discussões centrais de Copenhague?

Os dois pontos principais fo-

ram as metas de redução de CO₂ para cada país e um mecanismo de financiamento para pagar por ações de mitigação e adaptação ao aquecimento global nos países mais pobres

Por que chegar a um acordo é tão difícil?

Há interesses muito diferentes em jogo. Recuperando-se da crise, os EUA não querem sacrificar a economia para cortar emissões e cobram metas obrigatórias também para emergentes. A China esquiva-se, evocando a responsabilidade histórica dos mais ricos. Para tentar atrair os EUA para um acordo, a União Europeia cede em quase tudo aos americanos

Os principais emergentes (Brasil, África do Sul, China e Índia) têm uma posição comum?

De forma geral, todos se comprometeram com alguma meta de corte e aceitaram pagar por parte de ações de mitigação interna. Mas a China não aceita nenhuma inspeção, mesmo em projetos financiados com verbas externas

Quais os países que mais colocaram obstáculos ao acordo?

As cobranças de Estados Unidos e China travaram o debate. Sem ceder no baixo índice de corte de emissões que oferecia, os americanos ainda exigiam metas obrigatórias dos emergentes, em especial da China, que tampouco cedeu

Para Obama, ‘acordo’ é apenas o primeiro passo

COPENHAGUE

“Não é suficiente para combater a ameaça da mudança climática, mas é um primeiro passo importante”, disse o presidente americano Barack Obama sobre o acordo costurado ontem, que ainda seria votado em plenária. Ele disse que seu objetivo era um acordo legalmente vinculante, mas sabia que seria difícil. “Será preciso mais trabalho e confiança entre os países para obter outro acordo”, disse. “É melhor ter frustração e cinismo e avançar que dar dois passos para trás.”

O representante do G77, Lumumba Di-Aping, disse que integrantes do grupo dos países pobres, como o Sudão, bloquearão a proposta de acordo, considerado pouco ambicioso. “Se um país recusa, não há acordo. Muitos países já se manifestaram nesse sentido.” Se essa sugestão vingasse, afirma, países da África e os pequenos Estados-ilha seriam devastados pelas consequências danosas do aumento da temperatura. Integrantes da delegação

Clique agora
 estadoao.com.br

Acompanhe a cobertura completa de ambiente
 Leia o Blog da COP, direto de Copenhague

www.estadoao.com.br/vidae/planeta

brasileira avaliavam que o acordo seria vetado. Apesar de o Brasil dizer que votaria a favor, a avaliação do ministro Carlos Minc (*Meio Ambiente*) é de que o resultado do documento é “médio inferior”. “A posição que defendíamos era muito mais ampla do que essa. Mas não temos a posição de tudo ou nada. Reconhecemos que o acordo é melhor do que o zero absoluto.” Para ele, “os Estados Unidos foram o principal entrave”. ▀ A.B.

